

adotadas após a exposição, no entanto, indivíduos com maior risco devem receber profilaxia pré-exposição.

Objetivos: Avaliar a vacinação para raiva, a ocorrência de acidentes com animais e o conhecimento sobre a transmissão da doença em um grupo de estudantes de veterinária. Metodologia: Durante palestra para orientação sobre a prevenção de raiva foi aplicado um questionário, respondido online.

Resultados: 25 estudantes participaram, 24 (96%) mulheres, e a idade média foi de 29 anos. 12 (48%) cursavam o 1º período e 5 (20%) o último ano. 11 referiram imunização prévia, sendo 8 (73%) pré-exposição. Destes, 6 (55%) receberam o esquema completo e 2 colheram sorologia após. Dos 6 estudantes que participam de cenários práticos, 5 relataram acidente (3 mais de um episódio), a maioria (80%) nas mãos e causados por cães e gatos. Após o acidente, 4 relataram cuidado com a lesão, 2 receberam vacinação e 1 recebeu soro. Com relação ao conhecimento sobre animais transmissores, todos incluíram o morcego, dois excluíram cães e gatos e 20 incluíram ratos e coelhos. Quanto a forma de transmissão, todos incluíram mordedura e arranhadura, 12 lambedura de mucosa, 2 lambedura de pele íntegra, 10 acidente com manipulação de sangue e 2 ingestão de carne, leite e derivados. Com relação a aérea de maior risco, 17 (68%) referiram pés, 6 cabeça e pescoço; 2 abdome e tronco; 9 os braços; 5 as mãos e 5 as pernas. Com relação à conduta após acidente com animal suspeito, nenhum optou por “sacrificar o animal”. “Observar o animal por 10 dias” foi escolhida 18 vezes (76%). “Tentar descobrir se o animal é vacinado” e “levar o animal ao veterinário” foram escolhidos 9 vezes.

Conclusão: No Brasil, atualmente, os casos de raiva humana são causados por variantes de vírus que infectam morcegos e a doença seja considerada controlada em cães e gatos. No entanto, a circulação do vírus em morcegos e pequenos mamíferos, como saguis, permite a infecção acidental de cães, gatos e humanos. Dessa forma, a falta de vacinação pré-exposição adequada em populações de maior risco precisa ser corrigida. As falhas de conhecimento nesse grupo ressaltam a necessidade de investimento na informação, mas pode ser explicada pela maioria ser de estudantes de 1º período.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102280>

PI 285

CONHECIMENTO E ATITUDES SOBRE A MEDICINA DE VIAGEM NO BRASIL

Esmailyn Castillo Santana,
Margareth Catoia Varela,
Claudio Esteban Bautista Branagan,
Roxana Flores Mamani,
Marcellus Dias da Costa

Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas,
Fiocruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Introdução: A Medicina de Viagem existe há mais de 40 anos. A prática desta especialidade no Brasil começou em 1997 na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, essa

especialidade é praticamente desconhecida no Brasil, apesar do grande número de brasileiros que viajam anualmente dentro e fora do país.

Métodos: Com o objetivo de determinar o conhecimento dos brasileiros sobre a existência da Medicina de Viagem e suas atitudes em relação a ela, realizamos uma enquete online com 10 questões, da qual participaram 3.237 brasileiros.

Resultados: Apesar de mais de 95% dos participantes saberem que para viajar a determinados países precisam tomar certas vacinas, apenas 28% dos participantes já ouviu falar em Medicina de Viagem, dos quais 30% tinha realizado uma consulta com um especialista antes de viajar. Depois de conhecer a definição e os objetivos da especialidade, mais de 90% considerou importante realizar uma consulta pré-viagem.

Conclusão: A falta de conhecimento é a principal barreira para o acesso dos brasileiros à consulta de Medicina de Viagem. É necessário divulgar a especialidade, utilizando evidências científicas e tendo como exemplo a difusão mundial da COVID-19 por meio dos viajantes, conscientizar a população sobre a importância da consulta pré e pós-viagem.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102281>

PI 286

DOENÇA DA ARRANHADURA DO GATO COMO CAUSA DA SÍNDROME OCULOGLANDULAR DE PARINAUD: UM RELATO DE CASO

Charlene Corrêa Mendes,
André Luiz Costa e Silva,
João Marcos da Costa Lucena,
José Roberto Freire de Oliveira,
Hareton Teixeira Vechi

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(UFRN), Natal, RN, Brasil

Introdução: A síndrome oculoglandular de Parinaud (SOGP) é uma apresentação clínica que se caracteriza por conjuntivite focal granulomatosa não supurativa unilateral, associada a adenomegalias pré-auricular e submandibular ipsilaterais. Em um contexto clínico - epidemiológico apropriado, pode ser uma forma atípica de manifestação da doença da arranhadura do gato (DAG).

Descrição do caso: Homem de 23 anos, universitário, relatava quadro de xeroftalmia, prurido, secreção purulenta e hiperemia ocular à direita há 40 dias. Foi tratado com tobramicina colírio para conjuntivite bacteriana, havendo melhora parcial de sintomas. Contudo, após 15 dias, evoluiu com adenomegalias em região cervical direita associadas a sinais flogísticos locais e febre vespertina intermitente. O paciente relatou contato com um gato jovem nos últimos 6 meses. O exame físico era marcado por bom estado geral, hiperemia ocular direita e adenomegalias dolorosas pré-auriculares direita, de 4,0 cm, com consistência firme, e submandibular direita, medindo 3,2 cm, de aspecto flutuante. O paciente foi tratado empiricamente para DAG com azitromicina 500mg/

dia, via oral, por 5 dias, enquanto se aguardava a sorologia para Bartonella henselae IgG, evoluindo com melhora clínica completa. Os títulos de anticorpos IgG e IgM Anti-B. henselae foram 1:2.048 e < 1:120 por imunofluorescência indireta.

Comentários: A SOGP é uma apresentação rara da doença da arranhadura do gato, infecção causada por B. henselae, ocorrendo em 4 - 6% dos casos. Deve ser aventada como causa de SOGP quando, epidemiologicamente, há história de exposição a gatos, especialmente jovens, e pulgas de gatos. A patogênese envolve a inoculação do patógeno por arranhadura ou lambidura do gato infectado próxima ao olho. A B. henselae é fastidiosa e de crescimento lento em meios de cultura, de modo que o método diagnóstico de escolha é por testes sorológicos. A produção de anticorpos IgM é de curta duração. Títulos de anticorpos IgG \geq 1:256 sugerem infecção aguda. O fármaco de eleição para tratamento é a azitromicina.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102282>

PI 287

ENFRENTAMENTO E MONITORAMENTO DO PROGRESSO DA ELIMINAÇÃO DA HANSENÍASE EM MATO GROSSO, 2019-2020

Jaqueline Leidentz,
Emerson Giuliano Palacio Fávaro,
Leonam Souza Peaguda,
Ananda Souza Rodrigues Soares

Universidade de Cuiabá (UNIC), Cuiabá, MT, Brasil

Introdução: O Brasil é o segundo país com maior número de casos de hanseníase no mundo, gerando grande carga na saúde pública e impacto na vida das pessoas acometidas pelas deformidades e incapacidades irreversíveis. Em 2020, Mato Grosso foi o estado com maior número de casos notificados no país.

Objetivo: Avaliar o monitoramento da hanseníase e qualidade dos serviços no estado notificados em 2019-2020.

Métodos: Os dados dos casos novos foram extraídos do Data Warehouse Web da Secretaria de Estado de Saúde. Os indicadores foram selecionados com base na Estratégia Nacional para Enfrentamento da Hanseníase 2019-2022, abrangendo os âmbitos acompanhamento, tratamento, complicações, abandono e cura/pós-alta. O Manual 2019 para Tabulação da Unidade Técnica do SINAN foi seguido para os cálculos. Das 5.617 notificações extraídas em 2019 e 3.420 em 2020, 1.857 (33%) e 330 (9,6%) foram mantidas para análise após exclusão dos valores ausentes, ignorados e erro de diagnóstico.

Resultados: A capacidade dos serviços em realizar a vigilância dos contatos e identificação precoce/oportuna ficaram abaixo do recomendado, passando de precária em 2019 para regular em 2020. A qualidade do acompanhamento para a efetividade e conclusão do tratamento passou de precária em 2019 para regular em 2020. O risco de desenvolver complicações foi alto nos dois anos avaliados.

Conclusão: Diante do cenário identificado, o enfrentamento e monitoramento do progresso da eliminação da

hanseníase enquanto problema de saúde pública para reduzir a carga da doença exige: (i) ações para diagnóstico na fase inicial da doença para quebrar a cadeia de transmissão e evitar sequelas do diagnóstico tardio e da falta de acompanhamento; (ii) avaliações das ações e planejamento para acompanhamento e orientação dos doentes já em tratamento para prevenção de deficiências (temporárias) e incapacidades (permanentes); (iii) assegurar início imediato da medicação, estruturação do sistema referência-contrarreferência e reabastecimento da poli quimioterapia para tratamento.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102283>

PI 288

EPIDEMIOLOGIA DOS ACIDENTES ENVOLVENDO MORDEDURA DE COBRA NO ESTADO DE RONDÔNIA: UM ESTUDO PROSPECTIVO

Ewerton Fernandes Batista ^a,
Júlia Teixeira Ton ^b, Nairo Brilhante da Silva ^c,
Soraya dos Santos Pereira ^c,
Mariana Pinheiro Alves Vasconcelos ^d

^a Centro Universitário São Lucas, Porto Velho, RO, Brasil

^b Centro Universitário Aparício Carvalho, Porto Velho, RO, Brasil

^c Fundação Oswaldo Cruz Rondônia, Porto Velho, RO, Brasil

^d Centro de Medicina Tropical de Rondônia, Porto Velho, RO, Brasil

Introdução/Objetivo: O envenenamento ocasionado por serpentes tem sido subestimado no mundo e atinge na grande maioria, trabalhadores rurais. Na região Norte, o problema é agravado devido a distância entre os locais de ocorrência do acidente e o local de atendimento hospitalar. Tem como objetivo caracterizar o perfil epidemiológico das vítimas de envenenamento por serpentes peçonhentas admitidas no Centro de Medicina Tropical de Rondônia (CEMETRON).

Metodologia: Estudo prospectivo, clínico e epidemiológico realizado no CEMETRON com pacientes vítimas de mordedura de cobra entre os meses de janeiro de 2020 a julho de 2021. Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 17032819.0.0000.0011). Para as análises estatísticas foi utilizado o SPSS® versão 25.0.

Resultados: Foram incluídos 133 pacientes que tiveram diagnóstico médico de acidentes ocasionados por serpentes. A faixa etária foi de 6 a 86 anos, com predomínio dos casos para o sexo masculino, sendo 96 (72,2%), e 37 (27,8%) do sexo feminino. Do total, 103 (77,4%) provenientes da zona rural e 30 (22,6%) da zona urbana, com 98 (73,7%) oriundos do município de Porto Velho, e 35 (26,3%) do interior do estado. Em relação aos cuidados pré-hospitalares, 17 (12,8%) adotaram o uso de torniquete, e 24 (18%) tomaram “específico pessoa”. Entre a mordedura e a soroterapia, 86 (64,6%) buscaram atendimento em até 4 horas, 43 (32,4%) demoraram entre 4 e 24 horas e 4 (3%) mais de 24 horas. Dos gêneros de serpentes